

---

**TRANÇANDO IDENTIDADES:  
O CABELO DA MULHER NEGRA EM ESSE CABELO DE DJAIMILIA PEREIRA DE  
ALMEIDA E AMERICANAH DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

---

**BRAIDING IDENTITIES:  
THE HAIR OF THE BLACK WOMAN IN ESSE CABELO OF DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA  
AND AMERICANAH OF CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

---

**IDENTIDADES DE TRENZADO:  
EL PELO DE LA MUJER NEGRA EN ESSE CABELO DE DJAIMILIA PEREIRA ALMEIDA Y  
AMERICANAH DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**

---

Silvia Campos Paulino<sup>1</sup>  
Simone Campos Paulino<sup>2</sup>

**RESUMO**

O artigo busca, através das histórias dos cabelos de mulheres negras, presentes nos livros *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* (2015), de Djamilia Pereira de Almeida e *Americanah* (2014) de Chimamanda Ngozi Adichie, discutir a identidade e necessidade de descolonização do pensamento na construção e desconstrução da autoimagem da mulher negra. Para tanto, estabelecemos diálogos com Bauman (2013), Hall (2013), Bhabha (1998), Spivak (2005) e Fanon (2008) para discutir os constructos identitários de sujeitos subalternos, pós-modernos e pós-coloniais, trançando a subjetividade de mulheres negras na diáspora moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Negra. Cabelo. Decolonização.

**ABSTRACT**

The article seeks, through the stories of black women's hair, present in the books *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* (2015), by Djamilia Pereira de Almeida and *Americanah* (2014) by Chimamanda Ngozi Adichie, to discuss the identity and the need for decolonization of thought in the construction and deconstruction of black woman's self-image. To this end, we establish dialogues with Bauman (2013), Hall (2013), Bhabha (1998), Spivak (2005) and Fanon (2008) to discuss the identity constructs of subaltern, postmodern and postcolonial subjects, weaving subjectivity of black women in the modern diaspora.

---

**Submetido em:** 21/08/2019 – **Aceito em:** 25/11/2019 – **Publicado em:** 28/12/2019.

<sup>1</sup> Advogada (OAB/RJ e OAB/SP), especialista em direito público (UCAM-RJ), pós-graduanda em Ciência Política (UNESA-RJ) e Mestranda em Humanidades, culturas e artes (UNIGRANRIO-RJ).

<sup>2</sup> Doutora em Humanidades, culturas e artes (Unigranrio), mestra em Teoria da Literatura e Literatura comparada (UERJ) e especialista em Literatura infantil e juvenil (Unigranrio).



**KEYWORDS:** Identity. Black. Hair. Decolonization.

#### **RESUMEN**

El artículo busca, a través de las historias del cabello de las mujeres negras, presente en los libros *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* (2015), de Djamilia Pereira de Almeida y *Americanah* (2014) de Chimamanda Ngozi Adichie, para discutir la identidad, y la necesidad de descolonizar el pensamiento en la construcción y deconstrucción de la autoimagen de la mujer negra. Con este fin, establecemos diálogos con Bauman (2013), Hall (2013), Bhabha (1998), Spivak (2005) y Fanon (2008) para discutir las construcciones de identidad de sujetos subalternos, posmodernos y poscoloniales, tejiendo subjetividad de mujeres negras en la diáspora moderna.

**PALABRAS CLAVE:** Identidad. Negro. Cabello Descolonización.

## **Introdução**

A obra *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras*, lançado no Brasil em 2015 pela editora Leya, escrita pela autora portuguesa-angolana (angolana-portuguesa) Djamilia Pereira de Almeida, nos traz uma narrativa que dispensa a linearidade, utilizando-se do fluxo de pensamento como método de demonstrar ao leitor as incertezas da personagem, de traços autobiográficos, chamada na obra pela alcunha de Mila, com relação a sua própria identidade singular.

Outra personagem que tem no cabelo a expressão da identidade é Ifemelu, na obra *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, publicada pela editora Companhia das Letras em 2014. A autora nigeriana narra, em tom quase autobiográfico, sobre a adaptação de uma imigrante da Nigéria nos Estados Unidos. A narrativa inicia com a ida de Ifemelu ao salão e, através de digressões, é contada sua vida nos Estados Unidos. O cabelo, neste processo, tem um papel identitário que não pode ser sublimado.

Percebemos, portanto, que as obras em análise, possuem uma relação entre as personagens e cabelo para a construção não só de sua autoimagem, mas também de maneira mais contundente, na desconstrução e reformulação de sua identidade. Em *Esse Cabelo*, através de uma narrativa rica em metáforas a autora descreve o ato de descobrir-se através da percepção de seu cabelo crespo. Ifemelu, em *Americanah* também se encontra com a própria identidade ao assumir o cabelo natural.

Neste contexto, o presente artigo busca demonstrar, através de aproximações, como a obra de Djamilia e Adichie ultrapassam suas características de deleite e dialogam de maneira implícita com teorias como as lecionadas por Bauman, Hall, Bhabha, Spivak e Fanon no tocante aos constructos identitários de sujeitos subalternos, pós-modernos e pós-coloniais.

## O cabelo de Mila

O livro *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* é o romance de estreia da escritora angolana-portuguesa Djamilia Pereira de Almeida. Na obra, publicada no Brasil em 2015, acompanhamos a história de Mila, desde a sua infância até sua vida adulta, iniciando a narrativa com a chegada de Mila aos 3 anos de idade a Lisboa em Portugal, como descreve a autora: “descabelada”, vinda de Luanda na Angola.

Na sinopse do livro já podemos encontrar qual será o foco narrativo adotado, descrevendo a obra não só como as memórias de Mila, mas também como “a história das origens do seu cabelo crespo”.

No romance encontramos uma narrativa onisciente em primeira pessoa, com o uso frequente de fluxo de pensamento, não prendendo-se a ordem cronológica, compartilhando com o leitor as inseguranças da personagem Mila e os deslocamentos de sua identidade nacional pós-moderna, conforme podemos nos reportar as lições de Stuart Hall (2013).

Para Hall (2013), em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, os deslocamentos das identidades pós-modernas, descentralizando-as é o traço singular das novas identidades que são geradas neste contexto, distanciando-as da centralização vislumbrada pelo sujeito do iluminismo e sociológico.

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2013, p. 7)

Na mesma esteia dos efeitos da globalização sobre as identidades, Bauman (2004) em sua obra *Identidade* (2004) também afasta do conceito identitário a rigidez das identidades

nacionais. Para Bauman a identidade pós-moderna é fluida, não há solidez, não se limita a uma forma única.

Bhabha (1998) pode também ser trazido à baila nas teorias sobre identidade. Em sua obra *O lugar da cultura* (1998), o autor, no aspecto sobretudo cultural, da mesma forma que os autores supracitados, não postula uma rigidez ou fixação de identidades. Bhabha trata da questão de identidade também sobre a ótica globalizante, porém de maneira mais contundente sobre a questão pós-colonial nesta conjuntura.

Assim como a Autora Djamília, a personagem Mila, que podemos entender como uma autobiografia enxertada de alguns detalhes ficcionais; é filha de mãe negra angolana e pai branco português, o que demonstra como o enfrentamento com as diferenças raciais impostas desde a infância foram essenciais para a percepção da personagem com seu cabelo crespo. Stuart Hall (2013) diz que as identidades nascem das diferenças, portanto podemos extrair que as diferenças às quais a personagem fora exposta por ser de uma família multirracial, a confrontou com suas diferenças desde tenra idade, assim a relação entre a personagem e a questão “racial” externada no cabelo, são prementes a formação identitária dessa.

Como já observado, a questão identitária do romance *Esse Cabelo* é tratada utilizando como fio condutor o cabelo crespo da personagem, estendendo tal concepção a pertinência do tratamento racial, pós-colonial e globalizante das novas identidades fluidas, nas concepções de Bauman (2004).

Como já descrito anteriormente, percebe-se uma falta de sentimento de pertencimento pela personagem, demonstrada pelo tratamento que a mesma dispensa ao cabelo, cortando-o, esquecendo-o. Mas estariam as identidades inscritas em nossos genes? Segundo Hall (2003) imaginar que as identidades são inatas, teriam um conteúdo geneticamente determinado não se trata de uma premissa verdadeira, contudo, é fato que é concebido como se a mesma fosse, por isso a necessidade de encontrar uma rigidez inexistentes nas identidades, colapsando-as. Assim, quando Mila diz que:

Tinha o cabelo curto e via-me em casa no dia em que acordei com saudades de mim, mas saudades do que nunca fora, de duas ou três ruas de Luanda, de

um estereótipo: saudades, meu Deus, *de uma caricatura da pessoa que eu poderia ter sido, um exotismo.* (destaque nosso) (ALMEIDA, 2017, p.81)

A personagem demonstra o quanto é errônea a concepção de que há um pré-determinismo identitário infungível e que as circunstâncias impostas pela globalização e o seu inerente deslocamento geopolítico desafiam a fixação de uma identidade, enquanto conceitos pós-coloniais anulam traços das populações afrodescendentes. Neste contexto, a anulação do traço mais marcante de sua negritude, qual seja, o cabelo, foi naturalizado pela personagem, no ato constante de esquecer-se desse através da tesoura.

Assim, podemos observar no seguinte trecho da obra, quando Mila reflete que jugará que se “extinguiria nos outros, perdendo-me para a obscuridade de que tencionava resgatá-los, mas resta-me agora uma névoa retrospectiva de mim mesma, a minha própria ideia do meu cabelo.” (ALMEIDA, 2017, p.84); que a percepção subjetiva era mais importante em sua formação identitária, do que seu meio social e o caráter de estranho incutido aos afrodescendentes no conceito pós-colonial. Como bem retrata Bhabha (1998), tal controle trata-se de um ato de violência de uma sociedade racializada, que insiste em dispor dos detalhes mais corriqueiros, assim “Entre o ato banal de liberdade e sua negação histórica surge o silêncio (...)” (BHABHA, 1998, p. 37), e esse silenciamento é sinônimo da negação do cabelo por Mila.

Ao tratarmos de silenciamento, nos reportamos ao artigo *Pode o Subalterno Falar?* Da autora indiana Spivak. Publicado na década de 80, o artigo trata das questões referentes ao silenciamento da voz do subalterno e anulação da capacidade de autorrepresentação.

No prefácio do artigo em sua publicação no Brasil, Sônia Regina Goulart Almeida (2005) esclarece que o subalterno pode literalmente falar “porém, ressalta a ausência desse caráter dialógico na fala do subalterno. Da mesma forma, o processo de autorrepresentação do sujeito subalterno também não se efetua, pois, o ato de ser ouvido não ocorre. (ALMEIDA, 2005, p.14)

Como bem observa Djamila Ribeiro (2017) ao tratar da obra de Spivak, o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir, desta forma, as anulações provenientes do contexto pós-colonial e racializado, mitigam a existência de determinados grupos, que para serem assimilados socialmente devem dispensar traços considerados indesejáveis. Assim, a

personagem Mila, precisou romper com a lógica até então estabelecida, analisando a personagem que “Posso até aprender a pentear-me, não posso, porém fazê-lo na pele de outra pessoa.” (ALMEIDA, 2017, pp.49/50).

Outro trecho da obra de Djamilia pertinente a nossa análise, diz respeito ao episódio em que a personagem Mila relembra de que em certo carnaval, em sua infância, “fantasiou-se” de africana, observando que “prodígio de oportunidade uma pessoa mascarar-se do que é, distanciando-se e duplicando-se.” (ALMEIDA, 2017, p.108). Notamos assim, o que Hall (2013) denominou de crise de pertencimento, fator que ensejou os estudos sobre as identidades.

Com relação ao “mascarar-se do que é”, podemos ainda nos reportar as lições de Bauman (2013) que nos traz interessante analogia entre o jogo de quebra-cabeças e a formação da identidade, conceituando que as inúmeras influências e fatores aos quais somos expostos, em especial a globalização, são capazes de formar novas identidades através de peças de identidades outrora existentes. Assim, podemos conceber que ao fantasiar-se de africana, a personagem realmente estava fantasiada e estereotipada, visto que a sua identidade se difere da identidade nacional a qual tentava se reportar, sendo uma identidade híbrida.

Outro ponto crucial da obra em tela configura-se na percepção da autora e seu cabelo crespo e a representatividade independente que esse carrega. A personagem, ao reconhecer que a história do seu cabelo crespo é uma história autônoma, que viveu em milhares de lugares e cabeças, faz uma digressão com a foto tirada em 1957 na *Little Rock Central High School* em Arkansas nos Estados Unidos, que mostram o primeiro dia da estudante negra, Elizabeth Eckford naquela escola e a reação dos alunos brancos diante da determinação do fim da segregação racial em Little Rock.



**Foto 1:** Elizabeth Eckford, Little Rock Central High School, 1957

Fonte: <https://www.geledes.org.br/elizabeth-eckford-a-mulher-que-desafiou-o-racismo-americano/>

A personagem Mila, se apropria da história como se ela mesma a houvesse vivenciado, visto que a história de seu cabelo crespo, também é a história de Eckford, e os estudantes brancos que esbravejam ao redor da jovem, são ainda os “supremacistas” brancos que sussurram em seus ouvidos, dizendo-lhe:

«Chiu: fala baixo», dizem-me, digo- lhe, digo a mim mesma, «cuidado com as pessoas». Acossam-me ao espelho quando me arranjo para sair, fazendo-me crer étnico, e por isso vulgar, um par de argolas douradas que acabo sempre por não usar. (ALMEIDA, 2017,p.95)

Concluindo dizendo que:

As raparigas iradas da fotografia são o temor nervoso (de que me envergonho) se no comboio um negro atende o telefone, falando alto. «Chiu: fala baixo», dizem-me, digo- lhe, digo a mim mesma, «cuidado com as pessoas». Acossam-me ao espelho quando me arranjo para sair, fazendo-me crer étnico, e por isso vulgar, um par de argolas douradas que acabo sempre por não usar.

Trazem-me abnegadamente preparada para o insulto de cada vez que saio à rua, embora na rua apenas ladrem cães à chuva. Mobilizo-me assim todos os dias para o que quase nunca passa de uma turba de nuvens, zombaria infame da

história das raças, revelando quixotescos os meus pavores genuínos. As raparigas iradas são a causa silenciosa da discrição da menina «muito clássica» que me tornei. Os seus itálicos fizeram-se natureza: cabelo esticado. (ALMEIDA, 2017, p.95/96)

O ato de alisar o cabelo crespo, como define Mattos (2015) trata-se de um procedimento de aproximação de uma estética branca, para tornar-se mais aceitável no meio social, assim tal fato não deve ser avaliado como algo meramente estético e sim identitário, o autor supracitado assevera ainda acerca do processo histórico inerente a tal movimento, dizendo que:

É histórico que os negros para serem aceitos nos espaços sociais e do mercado de trabalho eram diretamente influenciados pelos padrões estéticos que beneficiavam aqueles mais próximos da estética branca. Daí o alto contingente de mulheres negras com cabelos alisados. (MATTOS, 2015, p.44)

Percebe-se que tal conceito estético de mimetismo adotados pelos negros no pós-colonialismo, ou seja, tentar aproximar-se da estética dominante branca é algo corrente, inclusive na experiência brasileira. No livro *Tornar-se negro – As vicissitude do negro em ascensão social* de Neusa Santos Sousa (1983) são colacionados alguns relatos de negros brasileiros acerca de sua autoimagem, dentre os quais destacamos o depoimento de Luísa, que diz: “... eu me achava muito feia, me identificava como uma menina negra diferente... Todas as meninas tinham cabelo liso e nariz fino.” (SOUZA, 1983, p.64). Encara-se desta forma qualquer traço estético que se reporte à negritude como feio e indesejável, objeto de negação.

A negação é a concretude do controle corporal e identitário. Faz-se pertinente a citação de Fanon (2008) que traz o entendimento que “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação.” (FANON, 2008, p.108).

A autora Matos (2016) ao analisar os estudos desenvolvidos em 1958 por Edmund através do artigo *O cabelo Mágico*, avalia que o cabelo funciona como uma forma de linguagem, sendo a este atribuído diversos sentidos dentro dos grupos, podendo ser o cabelo associado a um rito de passagem, rito de convivência e de interação. Extraímos assim uma

concepção multifacetada do cabelo, tendo o cabelo crespo, como explorado na obra de Djamilia em sua própria negação a dinâmica de interação com a sociedade racializada.

A personagem Mila no livro *Esse Cabelo* conclui que não há uma definição identitária capaz de enquadrá-la, dizendo que “A procura de uma origem e de uma identidade não reconstitui a minha origem nem descobre a minha identidade. Uma pessoa apenas se encontra a si mesma por acaso.” (ALMEIDA, 2017, pp.126/127). Assim, as lições de Hall (2003) nos parecem adequadas quando o autor nos diz que não deveríamos conceber na pós-modernidade a identidade como uma coisa fechada e sim um processo em constante andamento (Cf. Hall, 2013), portanto, percebe-se que a personagem Mila é um exemplo do indivíduo do pós-modernismo lecionado por Hall (2013).

A obra *Esse Cabelo* demonstra um caráter identitário pós-moderno e pós-colonial vertido na questão da percepção do cabelo crespo e suas implicações na afirmação identitária e na ausência de uma identidade acabada. Nas palavras da personagem Mila “O cabelo é a pessoa. (...) Se o cabelo é a pessoa e eu a travessa, se sou o objeto enfeitado, se foi a mim que encerrei na vitrina na esperança de assistir de camarote ao nosso cinema, quem é ainda a Mila?” (ALMEIDA, 2017, p.146). Desta forma, podemos concluir que a identidade pós-moderna é uma construção, desconstrução e reconstrução que se retroalimenta através das afirmações de identidades, principalmente daquelas silenciadas.

## **O cabelo de Ifemelu**

Apesar de não ter como foco central o cabelo, em *Americanah*, obra da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a relação da protagonista, Ifemelu, com o cabelo é um tema recorrente na trama.

O livro inicia com Ifemelu indo a um salão trançar os cabelos. O motivo é que, após terminar um relacionamento, ela decide deixar os Estados Unidos e retornar a Nigéria, seu país de origem.

A protagonista de Adichie é uma universitária que, através do blog “Observações diversas sobre negros Americanos”, ganhou prestígio na sociedade. As postagens de Ifemelu são reflexões sobre questões identitárias dos negros dentro da sociedade estadunidense.

Como expresse anteriormente, a obra inicia com a personagem indo ao salão de beleza especializado em cabelos afro. É interessante que a narrativa ressalte o quão longe o salão fica de Princeton, onde vive a protagonista. A narradora descreve:

Mas Ifemelu não gostava de ter que ir a Trenton para trançar o cabelo. Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton — os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças (ADICHIE, p. 10)

Neste trecho podemos ressaltar que a protagonista do romance vivia em um ambiente no qual sua pele escura e cabelo não tinham “lugar”, sendo, portanto, necessário que ela fosse buscar em lugares periféricos cuidados para o seu cabelo. Marginaliza-se, portanto, a identidade da mulher negra.

Em suas digressões, a protagonista relembra o cabelo da mãe.

Ifemelu tinha crescido à sombra do cabelo de sua mãe. *Era preto retinto, tão grosso que sugava dois frascos de relaxante no salão, tão cheio que tinha de passar duas horas sob o secador e, quando finalmente era libertado dos bobes rosa, saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração.* Seu pai dizia que era uma coroa de glória. “É seu cabelo de verdade?”, perguntavam estranhos, esticando o braço para tocá-lo com reverência. Outros indagavam “Você é jamaicana?” como se apenas o sangue estrangeiro pudesse explicar cabelos tão abundantes que não rareavam nas têmporas. Durante toda a infância, *Ifemelu muitas vezes olhava no espelho e puxava seu cabelo, esticava os cachinhos, desejando que ficasse como o da mãe;* mas ele permaneceu crespo e crescia com relutância; as cabeleireiras que o trançavam diziam que os fios cortavam que nem faca. (p. 49 – destaque nosso)

Nota-se, neste trecho que a mãe mantinha os cabelos sempre muito alisados e a filha, por seu turno, também desejava que os seus fossem assim. O cabelo liso (ou melhor, alisado), aparece muitas vezes na obra de Adichie como uma forma de se adequar a um padrão social eurocentrado.

Ifemelu tinha, ainda como exemplo, tia Uju que, apesar de ser formada em medicina, era mantida por um General. Sendo amante de um homem poderoso, Uju também transforma os cabelos. “Tia Uju riu e deu tapinhas nos apliques de cabelo sedosos que cascateavam até a altura dos ombros: era um mega-hair chinês, a versão mais nova, brilhante e reto de *tão liso*; nunca embaraçava.” (ADICHIE, 2014, p. 86 – destaque nosso). Mais uma vez, vemos o cabelo liso figurar como status.

Após a morte do general, tia Uju, que era amante, fica na penúria e é perseguida pela família do falecido. Com um filho pequeno, ela parte para os Estados Unidos. Algum tempo depois, recebendo uma bolsa de 75% numa universidade estadunidense, Ifemelu vai morar com a tia. Durante o tempo em que mora com Uja, a jovem universitária vê a mulher trabalhando em vários empregos e realizando provas difíceis na tentativa de ter a licença para exercer a medicina no país. Quando recebe o resultado da aprovação, tia Uju afirma: “Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. (...) Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado” (ADICHIE, 2014, p. 130). Quando contestada pela sobrinha, Uju explica: “Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido” (Ibidem).

Vemos, portanto, que o cabelo natural da mulher negra é visto como pouco profissional e, portanto, “inadequado” quando se sobe alguns degraus na classe social. Ifemelu que, antes de ir para os Estados Unidos, não tinha tido sua identidade marcada pela raça ou confrontada, passa a então se perceber não só como imigrante, mas, também, como negra. Isso nos aproxima de Hall (2013) que postula que as identidades nascem da diferença.

Anos mais tarde, quando também consegue um emprego, Ifemelu se vê, outra vez, diante da problemática do cabelo e, seguindo a advertência da conselheira da universidade, ela alisa os cabelos. A própria protagonista explica:

Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso *parecer profissional* nessa entrevista, e *profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo.* (ADICHIE, 2014, p. 222 – destaque nosso)

Neste trecho é exposto o cabelo “aceitável” e o “não aceitável”, colocando como profissional e sério o cabelo liso ou mais próximo possível ao cabelo caucasiano. Por outro lado, o cabelo crespo do negro não é visto como profissional e, por tanto rejeitado, pois afastaria a protagonista do mercado de trabalho e, conseqüentemente, a impediria de ascender socialmente.

Weitz (2003) ao falar sobre a mulher e seu cabelo, observa existir três tipos de posicionamento possíveis: resistência aos padrões impostos, acomodação (aceitação do padrão imposto) ou uma mistura entre a resistência e a acomodação. O que vemos, neste ponto da narrativa é que Ifemelu, que antes criticou a tia por alisar os cabelos, também caía na acomodação, buscando satisfazer o padrão imposto socialmente ao cabelo das mulheres.

Após o processo de alisamento, o narrador relata as conseqüências da química, fato pelo qual muitas mulheres negras já passaram: “Dois dias depois, partes de seu couro cabeludo estavam em carne viva. Três dias depois, havia pus ali.” (ADICHIE, 2014, p. 222).

Depois de anos e processos químicos, o cabelo de Ifemelu começa a cair. Convencida por uma amiga, ela corta o cabelo para voltar a usá-lo natural. Tendo a autoestima abalada pelo cabelo curto, Ifemelu nos remete ao caso real de muitas mulheres que passaram pela chamada transição capilar, isto é, o abandono das químicas e alisamentos e a retomada do cabelo crespo e natural.

Segundo Braga (2019), é tendo contato com fóruns e outras mulheres que voltaram a usar o cabelo natural que Ifemelu “começa a aprender a respeito de produtos próprios para cabelos afros, nunca mencionados em revistas de beleza, dando início a um processo de aceitação do cabelo.” (p. 70).

Numa das postagens de seu famoso blog sobre comportamento, a personagem Ifemelu escreveu sobre Michele Obama e o cabelo como metáfora da raça. Segue a postagem:

Um agradecimento público a Michelle Obama e o cabelo como metáfora da raça

A Amiga Branca e eu somos fãs de Michelle Obama. Por isso, outro dia, eu disse ela: “Será que a Michelle Obama pôs mega-hair? O cabelo dela está mais cheio hoje e fazer escova todos os dias deve danificá-lo”. E ela disse: “Quer dizer que o cabelo dela não é daquele jeito naturalmente?”. *Só eu que acho, ou isso aí é a metáfora perfeita para a raça nos Estados Unidos? Cabelo. Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? Algumas mulheres negras, tanto americanas como não americanas, preferem sair peladas na rua a aparecer em público com seu cabelo natural. Porque, veja bem, não é profissional, sofisticado, sei lá, simplesmente não é normal.* (Por favor, pessoal dos comentários, não diga que é a mesma coisa que uma mulher branca que não tingi o cabelo.) Quando você tem cabelo natural de negro, as pessoas acham que você “fez” alguma coisa com ele. Na verdade, as pessoas com os afros e os dreads são as que não “fizeram” nada com o cabelo. Você devia era perguntar à Beyoncé o que ela fez. (Nós todos amamos Bey, mas que tal ela mostrar, só uma vez, como é o cabelo que sai natural de seu couro cabeludo?) Eu tenho cabelo crespo natural. Que uso em afros, tranças, trança de raiz. Não, não é uma coisa política. Não, eu não sou artista plástica, poeta ou cantora. Também não sou natureba. Só não quero relaxar o cabelo — já estou em contato com muitas outras substâncias cancerígenas no meu cotidiano. *(Aliás, será que a gente pode banir as perucas afro no Halloween? O afro não é uma fantasia, pelo amor de Deus.)*

*Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? (Nunca se sabe como a textura do cabelo de alguém vai ser. Não é incomum para uma mulher negra ter três texturas diferentes no cabelo.) Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos.* (ADICHIE, 2014, p. 321-322 – destaques nossos)

Neste trecho, a narrativa expressa, através da postagem da protagonista o quanto o cabelo é parâmetro para inserção social. Quanto mais alta for a ascensão, mais “embraquecida” deve ser a identidade do negro e, no caso da mulher negra, esse “embraquecimento” passa pelos cabelos. Retornamos a Mattos (2015) que afirma que alisar o cabelo é se aproximar da estética branca para, desta forma, ser aceito socialmente.

Além disso, ela expressa o incomodo pela apropriação feita ao se utilizar as perucas afro como uma fantasia, tornando risível e caricata a identidade do negro.

O exemplo que ela usa, neste trecho, é Michelle Obama, esposa do ex-presidente estadunidense Barack Obama. A postagem aponta que o cabelo da esposa, caso estivesse natural, se tornaria um empecilho à eleição do marido. É interessante que, em julho de 2019, Michelle Obama fez a primeira aparição em público com os cabelos naturais, conforme foto abaixo:



**Foto 2:** Michelle Obama, 2019

Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/10/michelle-obama-aparece-com-cabelos-naturais-em-evento-de-revista-dos-eua.ghtml>

Como já apontamos anteriormente, a protagonista está no cabelereiro especializado em cabelos afro. As mulheres que trabalham ali são, em sua maioria imigrantes, africanas francófonas. Aisha, a cabelereira que atende Ifemelu tenta convencer a protagonista a alisar, mas ela mantém o cabelo crespo. Também tenta convencê-la a tingir o cabelo de uma cor mais escura, mas Ifemelu o tingiu num tom mais próximo ao natural do seu cabelo, apesar de Aisha

afirmar que aquela tonalidade deixava o cabelo com um aspecto sujo. Por fim, ao trançar os cabelos, a cabeleira o faz muito apertado, despertando reclamações da cliente. Segundo Braga (2019), “Em *Americanah*, Ifemelu é uma personagem que rejeita o ‘tingimento como fingimento’, o ‘alisamento como submissão’ e a ‘trança afro apertada como opressão’” (p. 64). Vemos aqui que ela rejeita a subordinação numa das ações de resistência descrita por Weitz (2003).

### Considerações finais

As obras trançadas nesse trabalho, *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras* e *Americanah*, se encontram enlaçadas pelas histórias de cabelos e identidades. São obras que devem ser lidas, sobretudo, por um viés de concepção identitária e resistência. Muito embora se coloque em destaque o cabelo crespo, a questão tratada ultrapassa um viés estético, incutindo ao cabelo uma série de significações.

A personagem Mila traz em seu escopo um teor de autobiografia da autora Djamilia Pereira de Almeida e através de sua autoanálise pudemos observar um indivíduo próprio da pós-modernidade, estando esvanecida a rigidez de sua identidade nacional.

Também sendo uma obra que flerta com a autobiografia, *Americanah* traça um embate da acomodação e resistência da protagonista diante das tensões sofridas na sociedade estadunidense. O cabelo acaba nos servindo de metáfora para a condição da mulher negra tendo que se “embranquecer” para ascender socialmente.

Diante de alguns trechos extraídos das obras analisadas, pudemos fazer um diálogo entre as inquietações abordadas pela personagem e os estudos sobre identidade desenvolvidos por Hall (2003), Bauman (2004), Spivak (2005), Fanon (2003) e Bhabha (1998).

Através da análise de *Esse seu cabelo*, percebemos que além da ausência do caráter nacional da identidade da personagem, há também as influências de questões pós-colonial e de uma sociedade racializada que ensejam a anulação dos traços não eurocentrados, em que pese a obra,



o cabelo. Podemos ainda observar a ação de anulação como um ato de silenciamento dos grupos subalternizados.

Na análise de *Americanah* vimos, de igual maneira, a forma como uma cultura busca se sobrepor a outra, apagando os traços identitários das culturas oriundas de sociedades marginalizadas, como as vindas do continente africano.

Com as presentes obras, percebemos o cabelo, não como um mero traço fenótipo, mas principalmente como um instrumento identitário, sobretudo, de reafirmação identitária, que até mesmo de forma autônoma pode contar sua própria história de seu esquecimento e de sua resistência.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **Elizabeth Eckford, a mulher que desafiou o racismo americano.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/elizabeth-eckford-a-mulher-que-desafiou-o-racismo-americano/> Acessado em: 11/11/2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah.** Tradução de Júlia Romeo. Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2014.

ALMEIDA, Djamilia Pereira de. **Esse Cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras.** Rio de Janeiro, Leya, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editora, 2013.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte, UFMG, 1998.

BRAGA, Cláudio R.V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie.** Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FRANZ, Fanon. **Pele negra máscaras brancas.** Editora Da Universidade Federal Da Bahia, Salvador, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2013.

MATOS, Lídia De Oliveira. **“Não é só cabelo, é também identidade”: transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro.** Disponível



em:<http://www.30rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoNToiYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjI5NTEiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiNzlkMGNhOTc1ZWFiMjE1ZTM3ZjE5ZDU3NGM5MTkyNjIiO30%3D> Acessado em: 11/11/2018.

MATTOS, Ivanilde [Ivy] Guedes de. **Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo.** Pontos de Interrogação, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015. pp. 37-53.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte. Letramento: Justificando. 2017.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro – As vicissitude do negro em ascensão social.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

WEITZ, R. **Women and their hair: seeking power through resistance and accommodation.** In: WEITZ, R. The politics of women's bodies: sexuality, appearance, and behavior. Oxford University Press: New York, 2003.